

## AUTISMO E INCLUSÃO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA A PARTIR DA VIVÊNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Maria Jania de Queiroga Sousa <sup>1</sup>  
Janaina Gomes da Cruz <sup>2</sup>  
Diego Robson das Chagas <sup>3</sup>  
Francisco das Chagas Neto <sup>4</sup>  
André Alexandre Honorio da Silveira <sup>5</sup>  
Gicelia Moreira <sup>6</sup>

### RESUMO

No decorrer da formação acadêmica de cursos de licenciatura, discentes mencionam que, muitas são as dificuldades encontradas durante o processo de ensino e aprendizagem em sala de aula durante as suas vivências acadêmicas como estagiários. Uma das inúmeras dificuldades relatadas por estudantes de cursos de licenciatura, por exemplo, é a falta de formação adequada na graduação para lidar com alunos que apresentem alguma deficiência mental e/ou física, podendo citar, Transtorno do Espectro Autista (TEA). Caminhando nesta temática, o presente trabalho, apresenta um relato de experiência vivenciada no processo de inclusão de um estudante com Transtorno do Espectro Autista da Escola Integral Cidadã Mestre Júlio Sarmiento, em Sousa, Paraíba. A pesquisa foi realizada no contexto do estágio supervisionado, na formação de estudantes do curso de Licenciatura em Química do Instituto Federal da Paraíba (IFPB), Campus Sousa. A metodologia utilizada consistiu na observação e anotações sistemáticas ao longo do ano de 2023, com o objetivo de compreender como se processa a inclusão no ambiente escolar. Os resultados demonstraram que a escola atende as necessidades do aluno para que ele consiga se socializar e realizar as atividades propostas em sala. Logo, conclui-se que o sucesso da inclusão do aluno é um testemunho do apoio adequado, compreensão e adaptações que foram fornecidas para atender às suas necessidades individuais. E também uma indicação do compromisso da comunidade escolar em promover inclusão e socialização.

**Palavras-chave:** Autismo, Educação inclusiva, Estágio Supervisionado, Prática docente.

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em Química do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – IFPB, Campus Sousa. [maria.jania@academico.ifpb.edu.br](mailto:maria.jania@academico.ifpb.edu.br);

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em Química do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – IFPB, Campus Sousa. [janaina.cruz@academico.ifpb.edu.br](mailto:janaina.cruz@academico.ifpb.edu.br);

<sup>3</sup> Graduado do Curso de Licenciatura em Química do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – IFPB, Campus Sousa. [diegorobson@hotmail.com](mailto:diegorobson@hotmail.com);

<sup>4</sup> Graduando do Curso de Licenciatura em Química do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – IFPB, Campus Sousa. [chagas.neto@academico.ifpb.edu.br](mailto:chagas.neto@academico.ifpb.edu.br);

<sup>5</sup> Graduando do Curso de Licenciatura em Química do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – IFPB, Campus Sousa. [silveira.andre@academico.ifpb.edu.br](mailto:silveira.andre@academico.ifpb.edu.br);

<sup>6</sup> Doutora pelo Programa de Pós Graduação em Engenharia Química da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, [gicelia.moreira@eq.ufcg.edu.br](mailto:gicelia.moreira@eq.ufcg.edu.br);

## INTRODUÇÃO

No ambiente educacional atual, onde há um grande número de alunos com deficiência em sala de aula, surge a necessidade de profissionais capacitados e dedicados a lidar com esse perfil de aluno, especialmente, crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), que requerem uma maior atenção. O termo "Autismo" surgiu em 1908 por Eugen Bleuler para descrever pacientes com esquizofrenia severamente retraídos. De origem grega, "autós", significa "de si mesmo", sendo utilizado na psiquiatria para descrever comportamentos que se concentram no próprio indivíduo (ORRU, 2012, p.17).

Devido à persistência incansável de pais e familiares de indivíduos com TEA, surgem leis e políticas públicas para garantir o direito à educação escolar das pessoas com deficiência. Recentemente, a Lei nº 12.764/2012, conhecida como Lei Berenice Piana, instituiu a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Essa lei prevê o acesso a um sistema educacional inclusivo em todos os níveis de ensino, bem como o atendimento por profissionais qualificados para promover a inclusão. Segundo essa legislação, os alunos com autismo, têm assegurado o direito de frequentar a escola e a sala de aula, além de receber atendimento por profissionais capacitados, como evidenciado por essa lei, sendo que, em alguns casos, esses profissionais podem ser estagiários.

Atualmente, o transtorno do espectro autista está sendo amplamente discutido em diversos espaços acadêmicos ou não, destacando a importância da educação especial e da inclusão de pessoas com autismo. No entanto, este tema está ganhando cada vez mais importância e relevância devido ao aumento de novos casos no contexto educacional.

De acordo com Riviére (2004), os primeiros estudos sobre o autismo foram conduzidos por Kanner em 1943 e permanecem relevantes até os dias de hoje, identificando três principais áreas de transtorno: 1) dificuldades nas relações interpessoais, 2) alterações na comunicação e linguagem, 3) rigidez mental e comportamental. Esses aspectos destacam a necessidade de proporcionar um ambiente propício ao desenvolvimento do autista, com a presença de mediadores capacitados para auxiliá-los. A definição de autismo conforme Silva (2009):

Um transtorno do neurodesenvolvimento, causando o comprometimento de funções como habilidades sociais, habilidades comunicativas, presença de comportamentos repetitivos e perda de interesse pelo seu meio. Demonstrem dificuldades em se relacionar logo nos primeiros anos de vida. (SILVA, 2009, p. 18)

As características dos transtornos do neurodesenvolvimento se manifestam geralmente muito cedo, por volta dos 2 a 3 anos de idade, antes mesmo de a criança com TEA começar a

frequentar a escola. Dentro dessas características estão os déficits, que afetam o funcionamento pessoal, social e acadêmico das crianças e jovens com a síndrome. Esses déficits podem variar desde dificuldades específicas na aprendizagem ou no controle das funções executivas até prejuízos mais amplos em habilidades sociais ou intelectuais. No entanto, essas limitações não devem ser vistas como determinantes para a criança, pois elas possuem potenciais bastante elevados.

De acordo com o Manual para as Escolas (2011), algumas pessoas com TEA também podem demonstrar habilidades singulares que as permitem superar áreas em que possuem déficits. Por exemplo, podem ter uma destreza visual apurada, facilidade em compreender e reter conceitos, regras e sequências, excelente memória para detalhes ou fatos mecânicos, memória de longo prazo, habilidades em informática e tecnologia, capacidade de concentração intensa em áreas de interesse específico, habilidades artísticas e matemática, e uma predisposição à honestidade.

Segundo Rivière (2004, p. 242), crianças com autismo podem apresentar uma ampla variedade de sintomas comportamentais, incluindo hiperatividade, breves períodos de atenção, impulsividade, agressividade e, especialmente em crianças, acessos de raiva, conforme indicado pelo DSM-IV. Nesse contexto, o estagiário desempenha um papel crucial ao auxiliar no desenvolvimento educacional da criança com autismo. Isso ocorre por meio do apoio ao processo de aprendizagem em sala de aula, da promoção de relações sociais positivas e do auxílio no combate ao déficit na aquisição da linguagem.

Conforme apontado pela pesquisadora Orrú (2012, p. 88), a linguagem desempenha um papel fundamental na formação de formas complexas de pensamento abstrato e generalizado, representando conquistas significativas na história da humanidade ao permitir a transição do sensorial para o racional. Essa capacidade é crucial para auxiliar o aluno com TEA em seu desenvolvimento e progresso no ambiente escolar. Dessa forma, o estagiário contribui para melhorar as habilidades de linguagem da criança, promovendo interações sociais e afetivas mais eficazes e facilitando seu avanço no contexto educacional.

Considerando essa temática, o objetivo do presente estudo é analisar o papel do estagiário no progresso acadêmico de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) em sala de aula, por meio da experiência de estágio proporcionado em uma turma do 3º Ano na Escola Integral Cidadã Mestre Júlio Sarmiento, localizada em Sousa, Paraíba. Este estudo envolve a formação de estudantes do curso de Licenciatura em Química do Instituto Federal da Paraíba (IFPB), Campus Sousa.

O principal propósito é entender como ocorre o processo de inclusão no ambiente escolar, através da observação e registro sistemáticos ao longo do ano letivo de 2023.

## **METODOLOGIA**

O estágio à docência desempenha um papel fundamental na consolidação dos conhecimentos adquiridos em sala de aula, permitindo que o estudante demonstre sua capacidade de aplicar a teoria na prática. As atividades de estágio consistiram em observar aulas ministradas e bem como executar a regência de outras aulas.

Neste relato de experiência, concentra-se à discussão nos dados obtidos a partir das observações das aulas ministradas pela professora responsável pela turma a qual os estagiários desenvolveram as suas atividades pedagógicas.

Segundo Marconi & Presotto (2014), a observação é uma técnica de coleta de dados na qual o pesquisador utiliza seus sentidos, principalmente a visão e a audição, para obter informações.

As observações tiveram como objetivo familiarizar os alunos com o ambiente da sala de aula, ajudá-los a compreender como a professora conduz suas aulas e observar como ela interage e auxilia os alunos com deficiência, incluindo especificamente um aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Durante as observações, os estudantes atentaram-se para as principais questões:

- 1) Como é a participação do aluno nas atividades propostas a sua turma?
- 2) O jovem participa das atividades integralmente ou parcialmente?
- 3) Quais são os apoios oferecidos pelo (a) docente para que o discente atinja os objetivos educacionais?
- 4) Como são as atividades propostas pela professora para a criança acompanhada?

Além das observações realizadas, os estudantes realizaram entrevistas com a docente, no intuito de compreender dentre outras coisas:

- 1) Ela se sente preparada para lidar com as demandas da educação inclusiva em sala de aula?
- 2) Como a docente pensa e planeja as atividades para serem executadas em sala de aula?

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

No que diz respeito às atividades planejadas pela professora e ao suporte oferecido ao aluno com Autismo e também cadeirante, observou-se que a docente sempre explicava os conteúdos de forma objetiva e clara, garantindo que o aluno conseguisse compreender o que estava sendo ensinado. Devido ao Autismo moderado do jovem, ele enfrentava dificuldades de compreensão e expressão verbal.

Para verificar o entendimento dos conteúdos, a professora frequentemente perguntava ao jovem se ele estava compreendendo, e o estudante respondia afirmativamente quando entendia ou negativamente quando não compreendia, sendo sempre auxiliada pela sua assistente terapêutica. Além das respostas verbais, a professora ocasionalmente recorria ao Sistema de Comunicação por Troca de Figuras (PECS) para que o jovem pudesse expressar seu entendimento sobre o que estava sendo ensinado.

Conforme Mantoan (2003), o papel do docente não é eliminar as diferenças em busca de uma suposta igualdade, mas sim reconhecer e respeitar as singularidades dos alunos, promovendo o diálogo entre eles. Ao permitir que o estudante se expressasse por diferentes maneiras, seja verbalmente ou através do PECS, a professora demonstrou estar sensível às necessidades específicas do jovem e ofereceu oportunidades para sua participação.

Quanto às atividades destinadas à aprendizagem do estudante com Autismo, a professora indicou dificuldades em usar o material didático da escola, pois os textos eram longos e complexos, dificultando a compreensão do aluno e sendo inadequados ao seu nível de desenvolvimento. Silva et al. (2015), destacam a falta de adaptação de materiais pedagógicos para atender alunos com necessidades especiais no ensino médio.

Devido à escassez de materiais adequados, a professora teve que adaptar e criar atividades para o jovem com Autismo, seguindo o mesmo planejamento dos demais alunos, mas com ajustes de acordo com seu nível de compreensão e desenvolvimento.

Em uma entrevista semiestruturada, a professora relatou os desafios da inclusão no ensino médio e expressou que se sente preparada para enfrentar esses desafios, pois considera a preparação como um processo contínuo. Ela enfatizou a importância da experiência prática na construção de novos conhecimentos, conforme apontado por Tardif (2002). Esses saberes pedagógicos derivados da reflexão sobre a prática educativa contribuem para sua atuação docente, destacando a importância de momentos de observação e prática na docência.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante da temática estudada, é importante destacar a importância da experiência de estágio, que proporcionou aos estudantes uma compreensão mais profunda da realidade dos alunos com TEA e suas experiências em uma escola regular.

Os desafios identificados, como a falta de materiais didáticos acessíveis para pessoas com deficiência e as dificuldades da professora em adaptar os materiais, podem motivar pesquisas adicionais no campo da educação inclusiva, o que contribuiria para ampliar o debate sobre um tema relevante para os educadores comprometidos com a promoção de uma educação de qualidade para todos os alunos.

A observação da prática docente permitiu às estudantes reconhecer a importância de compreender cada aluno como único, com suas próprias dificuldades e habilidades. Cabe ao professor buscar maneiras de mitigar as dificuldades e destacar as habilidades de cada aluno.

Dessa forma, durante a pesquisa, ficou evidente que o papel do professor é fundamental para promover a inclusão e facilitar o processo de ensino e aprendizagem do aluno com autismo.

Apesar dos desafios enfrentados, a professora demonstrou um compromisso em encontrar soluções para incluir o jovem da melhor maneira possível nas atividades propostas em sala de aula.

## **AGRADECIMENTOS**

Os autores agradem ao Curso Superior de Licenciatura em Química do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, IFPB Campus Sousa. À Escola Cidadã Integral Mestre Júlio Sarmiento, da cidade de Sousa/PB. À CAPES, por sempre fomentar fortemente pesquisas na área de educação e inclusão.

## REFERÊNCIAS

- ADAMS, F. W. **Docência, Formação de Professores e Educação Especial nos Cursos de Ciências da Natureza**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, 2018.
- ADAMS, F. W. **A discussão da educação especial nas disciplinas de núcleos pedagógicos nos cursos de ciências da natureza**. Revista Cocar. V. 14, nº 30, p. 1-16, 2020b.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Inclusão: Diretrizes e Bases**. Brasília: MEC, SEESP. 2013.
- BEZERRA, G. F.; ARAUJO, D. A. C. **Inclusão escolar e educação especial: interfaces necessárias para a formação docente**. Rio de Janeiro. 2011.p. 135-136. Disponível em: <http://www.scielo.br>, Presidência da República. Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012.
- COMISSÃO DE DIREITOS HUMANOS E LEGISLAÇÃO PARTICIPATIVO. **Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista** e altera o § 3º do art. 98 da Lei no 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Disponível em: Acesso em: 20 de abr. 2024.
- FILHO, B.; FERREIRA, J. **A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: transtornos globais do Desenvolvimento**. Universidade Federal do Ceará, 2010.
- MARTINS, L. A. R. **Reflexões sobre formação de professores com vistas à educação inclusiva**. In: MIRANDA, T. G.; GALVÃO FILHO, T. A. (Orgs.). O professor e a educação inclusiva: formação, práticas e lugares. EDUFBA, 2012.
- MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar: O que é, Por quê? Como fazer?**. São Paulo: Moderna, 2003. — (Coleção cotidiano escolar). 2003,
- MAURICE. **Saberes docentes e formação profissional**. 17.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- MENDES, E. G. **Inclusão escolar pela via da colaboração entre educação especial e educação regular**. Educar em Revista, 41, 81-93, 2011.
- NASCIMENTO, I. C. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. DSM-5. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- ORRÚ, S. E. **Autismo, linguagem e educação: interação social no cotidiano escolar**. Rio de Janeiro: Wak, 2012. p. 1-18. Contribuições da abordagem histórico-cultural na educação dos alunos autistas. Humanidades Médicas. Sep-Dic; v. 10, número 3. 2010.
- PIMENTA, S. G. **Formação de professores: identidade e saberes da docência**. In: (Org). Saberes pedagógicos e atividade docente. São Paulo: Cortez Editor. (p. 15 a 34).1999.
- PLETSCH, M. D. **A formação de professores para a educação inclusiva: legislação, diretrizes políticas e resultados de pesquisas**. Educar, v. 33, 2009.

RIVIÉRE, A. **O autismo e os transtornos globais do desenvolvimento. In: Desenvolvimento psicológico e educação.** (Org). César Coll et al. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2004. p. 234-254.

SCALABRIN, I. C; MOLINARI, A. M. C. **A importância da prática do estágio supervisionado nas licenciaturas.** Araras-SP, 2013.

SILVA, M.; MULICK, J. A. **Diagnosticando o transtorno autista: aspectos fundamentais e considerações práticas.** Psicol. cienc. prof., Brasília, v. 29, n. 1, p. 116-131, 2009.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: pesquisa qualitativa em educação: Positivismo, Fenomenologia, Marxismo.** São Paulo: Atlas, 2006.